

Produção literária em movimento e sem local definido

Gerson Roberto Neumann¹

Titel: Die literarische Produktion in Be-weg-ung und ohne festen Wohnsitz

Title: The literary production in move-ment and in a non-place

Palavras-chave: literatura – movimento – lugar – não-lugar

Schlüsselwörter: Literatur – Be-weg-ung – Ort – Nicht-Ort

Key-words: literature – move-ment – place – non-place

Introdução

A experiência da migração é parte do ser humano, pois desde os tempos mais remotos o Homem se desloca à procura de seu espaço ideal, onde possa se desenvolver e sobre-viver. Apesar da evolução tecnológico-científica, vivemos em meio a grandes movimentos migratórios, registrados nos principais jornais, em revistas e noticiários e na opinião pública e não poucas vezes trata-se o tema como um fenômeno novo. A necessidade do Homem de registrar suas experiências fez com que ao longo do tempo o tema da migração também se deixasse perceber na produção literária. Diversas são as formas de narrativa que registram essa forma de deslocamento: as narrativas do Homem pré-histórico registradas em cavernas, ou a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Aproximando-nos dos tempos modernos, cabe mencionar o século das grandes migrações europeias, o século XIX, quando somente das regiões de língua alemã emigraram em torno de sete milhões de pessoas para diversas partes do mundo, mas principalmente para as Américas. E atualmente presenciamos o deslocamento de milhões do norte da África para a Europa. Em consequência são construídos muros,

¹ Professor de Literatura e Língua Alemãs e Tradução na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Email: gerson.neumann@gmail.com

criam-se agências de controle e produzem-se textos a favor e contra o movimento migratório.

O conceito de *Weltliteratur* em questão

Tendo o cenário da migração como pano de fundo, propõe-se nesta comunicação refletir a produção literária inserida no contexto migratório, tanto no Brasil como na Alemanha, tanto de “brasileiros” como de “alemães”. Ao se falar em produção em um contexto migratório, pensa-se também justamente a escrita fora de seu meio, a escrita exofônica (Tawada), e/ou a produção na *transarea* (Ette).

Nesse momento, pretendemos refletir sobre o conceito de *Weltliteratur* (Goethe), que leva ao atual conceito de literatura mundo. Como consequência, queremos refletir a questão de fronteiras, pois categorizar uma literatura dentro de um sistema significa localizá-la. Depois, apoiado na teoria da *transarea*, pretendemos tratar das diferentes formas de globalização que levaram a diferentes formas de movimento e produção literária.

Ao se tratar do conceito de literatura mundial, obrigatoriamente somos levados a mencionar o conceito de *Weltliteratur*, cunhado pelo alemão Johann Wolfgang von Goethe em 1827 ao se referir ao prenúncio de um cosmopolitismo humanista como um projeto futuro.² O conceito de *Weltliteratur*, que numa tradução livre da língua alemã significa literatura mundial ou global ou talvez universal, não quer dizer que se trate de uma literatura canônica, mas comunicação e contato cultural. Johann Gottfried Herder (no sentido de um cosmopolitismo literário), Christoph Martin Wieland (no sentido de literatura para o homem do mundo) e os irmãos August e Friedrich Schlegel já haviam usado o termo antes de Goethe, mas este o empregou conceitualmente. Goethe vê o conceito de *Weltliteratur* veiculado ao desenvolvimento econômico, ou seja, uma troca literária mundial através da agilidade no deslocamento, através do trânsito de negociação intelectual. É nesse momento que volto ao título de minha apresentação, “A produção literária em movimento e sem local definido”, pois pretendo refletir a literatura produzida em espaços de e em movimento, uma literatura que não pode ser

² Em *Metzler Lexikon. Literatur- und Kulturtheorie*. NÜNNING, A. (Org.) Stuttgart/Weimar: Metzler Verlag, p. 758.

fixada em uma história literária por não pertencer. Ao mesmo tempo, tomando emprestada a definição de Goethe, ver a produção literária associada ao movimento econômico, ao qual o autor, o leitor e a comercialização da obra em si está vinculada.

O século XIX destacará a marcação de fronteiras da literatura, assim como politicamente o mundo, e em especial a Europa estará concentrando suas atenções e forças nas delimitações dos espaços fronteiriços, como bem o descreve o historiador Eric Hobsbawm. Desta forma, *Weltliteratur* estará para as obras primas – as obras canônicas – de cada nação.

Já no século XX, a *Weltliteratur* será objeto dos estudos de Literatura Comparada. Paralelamente será iniciado um processo de descentralização da *Weltliteratur* da Europa, acompanhado de uma crítica à centralização monopolizadora europeia e, sobretudo, do cânone mundial. Uma impactante ampliação e reorientação político-cultural do conceito acontecerá a partir dos estudos pós-coloniais, partindo da crítica ao eurocentrismo e à vinculação da literatura europeia ao colonialismo, tendo como principais nomes F. Jameson, E. W. Said e H. Bhabha.

Novas redefinições compreendem *Weltliteratur* como uma literatura direcionada à complexa situação intercultural do e no mundo na forma da escrita global, transnacional, híbrida. O dilema do valor estético-intercultural e a tradução ganham espaço como requisitos para o estabelecimento do conceito de *Weltliteratur* e a crítica ao cânone eurocêntrico e a dissolução de fronteiras de pertencimento literário a um determinado espaço nacional são sinais do recente movimento de globalização. Os desenvolvimentos culturais relacionados a estas questões, assim como a migração no cenário mundial, o exílio e as perseguições levaram ao surgimento de uma “literatura sem espaço definido”, conforme Ottmar Ette. Esta se localiza entre diferentes mundos e culturas, movimentando-se de um lugar ao outro, colocando em cheque a “concepção homogeneizante de *Weltliteratur*” (ETTE, 2005, p. 15).

Depois desse breve e resumido panorama em torno do conceito de *Weltliteratur*, pretende-se fazer uma reflexão sobre as redes de relações transareais, baseadas justamente nas análises do último teórico mencionado acima, Ottmar Ette.

Ottmar Ette é romanista e comparatista na universidade alemã de Potsdam e dedica-se, entre outros pontos, aos estudos da literatura sem espaço definido, ou da escrita entre mundos ou ainda sobre o saber sobre-viver da literatura. Além disso, em

recentes estudos e publicações tem sustentado a relação de redes transareais para uma compreensão inter- e trans-nacional da produção literária do e no mundo.

Apoiado nos estudos acima citados de Ette, quero apresentar agora uma reflexão baseada na discussão em torno dos movimentos de globalização, proposta do referido romanista na obra *TransArea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte* [TransArea. Uma história literária da globalização]. Conforme Ette, a globalização não é um movimento recente, teriam ocorrido, até os nossos dias, quatro movimentos de globalização.

Os movimentos de globalização, segundo Ottmar Ette

O primeiro movimento

O chamado período das grandes navegações, marcado pela saída para o desconhecido mar pelos países da Península Ibérica, marca o primeiro movimento de globalização. Naquele momento, com apoio irrestrito do papa, o mundo foi dividido entre dois dominadores – Portugal e Espanha –, por meio do Tratado de Tordesilhas (1494). Esse primeiro movimento expansionista, que se dá a partir da Europa, destaca a caravela como emblemático meio de transporte da globalização. “As dimensões do mundo eram cientificamente conhecidas do homem ocidental, o mundo na sua forma esférica, por sua vez, potencialmente dominável.”³ Contudo, também neste período são datadas as primeiras assimetrias nas estruturas de poder entre o europeu e o não-europeu: um é civilizado e o outro é selvagem, um é cristão e o outro é pagão, um é europeu e o outro é outro. Ette faz uso do termo resto, o resto do mundo. Nesse momento, o mundo falava latim, espanhol e português.

O segundo movimento

A segunda fase do movimento de globalização localiza-se entre a metade do século XVIII e o início do XIX e é marcado pelas viagens de Bouganville, Cook e Laperouse. Neste período, as viagens de descobrimento caracterizam-se por sua

³ ETTE, O. *TransArea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte*. Berlin/Boston: De Gruyter Verlag, 2012, p. 9.

transformação em viagens científicas. Ao final desse período, os grandes espaços em branco nos mapas não mais existirão. E quanto aos meios de transporte, as caravelas foram substituídas pelas fragatas.

A localização do poder econômico deste período não está mais na Península Ibérica, tendo havido um deslocamento para o norte da Europa, para a França e a Inglaterra, para Paris e Londres respectivamente.

A circulação do saber é mais intenso e mais rápido e grandes movimentos de caráter e repercussão universal marcam a história na Europa e fora dela. Na Europa, a Revolução Industrial, que se inicia na metade do século XVIII na Inglaterra, e a Revolução de 1789 na França marcam os rumos da história; fora da Europa, a revolução contra a colonização inglesa e consequente independência dos Estados Unidos em 1776 e a Revolução Haitiana de 1804, que marca também toda a luta contra o sistema transatlântico do comércio de escravos africanos.

Contatos se estabelecem entre povos de culturas diferentes, posições se afirmam a partir de regiões próximas e conhecidas para que em forma de arquipélagos se estabeleça o contato, precauções são tomadas para não se perder domínios, novas áreas incorporadas em partes antes em branco são reforçadas, novas cores, sabores, odores se tornam familiares, doenças se alastram para todos os lados.

O terceiro movimento

A partir do terceiro movimento de globalização ocorre uma descentralização do poder, antes fixado na Europa, para os Estados Unidos. Esse fato se dá, em parte, em decorrência dos movimentos da globalização ocorridos na fase anterior. O terceiro movimento se dá da metade do século XIX até a primeira década do século XX, marcado, portanto, por uma distribuição cultural, política e econômica do poder no mundo, especialmente para os Estados Unidos. O conceito de *Weltliteratur* já é conhecido e praticado e nesta fase constata-se a necessidade de se falar de modernidades e não de uma modernidade, no singular. Ette cita aqui o modernismo hispano-americano e o posterior modernismo brasileiro como exemplos dessa descentralização do cenário globalizante nas suas diversas formas de expressão.⁴

⁴ ETTE, 2012, p. 18.

É no segundo movimento de globalização que se cria o conceito de *Weltliteratur*, um período em que Goethe, seu criador, por assim dizer, está muito atento aos diversos movimentos para fora da Europa, mas que trazem o conhecimento para dentro. O século XIX marca um novo descobrimento do mundo por parte da Europa, agora um descobrimento científico, quando as Américas são viajadas pelos naturalistas, pesquisadores, pintores, colecionadores. Goethe recebia em sua casa muitos dos viajantes que viajavam pelo mundo e reuniam conhecimentos e, com isso, estabeleciam o fundamento para se falar de uma *Weltliteratur*, conceito que não deve ser unicamente marcador da área da literatura. Cito aqui apenas alguns dos viajantes alemães que passaram pelo Brasil e depois visitaram o famoso escritor alemão, dando-lhe importantes informações: Ludwig W. von Eschwege, Georg H. von Langsdorff, Johann M. Rugendas, von Martius e Alexander von Humboldt. Este último não passou pelo Brasil, mas cabe citá-lo pela sua importância no contexto latino-americano.

Nesse período, o navio a vapor passa a ser o meio de transporte que possibilita uma rápida comunicação. Além disso, existem cabos entre a Europa e as Américas, fazendo do telégrafo outro meio de comunicação.

O quarto movimento

Segundo Ottmar Ette, estamos na quarta fase, iniciada nas duas últimas décadas do século XX. Esta marca uma globalização do mercado, o remapeamento e a constituição de novos sistemas de comunicação em tempo real. Apesar de todos os avanços no que se refere ao aceleração dos processos de re-conhecimento do outro e do mundo, do preenchimento dos espaços em branco no mapa, na comunicação através de uma língua franca, da teórica abertura de fronteiras, permitindo uma facilidade e rapidez nos deslocamentos, não chegamos a uma sociedade global. Por outro lado, as mudanças elencadas acima, permitiram sim mudanças e contextos novos de produção, por exemplo, na literatura. Cito rapidamente dois casos de autores que escrevem na Alemanha hoje, um brasileiro – Zé do Rock - e a japonesa – Yoko Tawada. No caso dos dois autores poderíamos colorir o mapa, antes em branco e depois preenchido. Autores, como os dois citados, deslocam-se pelo mundo mais aberto e não obrigatoriamente retornam para o seu “país” para lá enriquecerem a biblioteca – como se fazia nas fases anteriores - passam a produzir no seu novo local, fazem neste local com as cores e tons reunidos nesses deslocamentos, carregando sempre consigo tudo que têm. Temos aí

uma literatura mundo, uma nova forma de *Weltliteratur*? Uma literatura agora em movimento?

Considerações finais

A produção literária pode ser percebida no momento, no cenário mundial, como uma literatura produzida com um caráter de desprendimento, de uma literatura sem local definido, buscando um diálogo com as teorias de Ottmar Ette. O pertencimento de uma literatura e, por sua vez, do autor da mesma a um local, a uma nação, fazendo com que tal literatura possivelmente figure em uma História da Literatura já não é algo tão natural como se estabeleceu a partir do século de fixação dos estados nacionais, o século XIX. Atualmente, podemos ler autores que escrevem fora de seus espaços de pertencimento nacional, produzindo literatura em outras línguas, adquiridas por fatores diversos. Precensiamos também um novo forte movimento de migração, agora em direção ao Norte, o que faz com que pessoas de culturas diferentes se insiram em novos meios.

Na segunda metade do século XIX presenciou-se a produção literária em língua alemã, italiana, polonesa, etc no Brasil; hoje vemos diversos migrantes, principalmente, do norte da África entrar na Alemanha. Isso certamente levará a uma futura produção literária dessas pessoas em movimento. Que literatura será essa? Onde ela poderá ser definida? Pertencente a que estado nacional? E é necessário defini-las?

São diversas perguntas que nos levam a refletir sobre o conceito de *Weltliteratur* e sobre uma nova abrangência desse conceito ou de uma literatura mundo, de uma literatura que não necessita ser definida a partir de velhos parâmetros, mas pensado no atual contexto em que estamos inseridos.

Referências bibliográficas

ETTE, O. *TransArea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte*. Berlin/Boston: De Gruyter Verlag, 2012.

ETTE, Ottmar. *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Göttingen: Verbrück Wissenschaft, 2001.

ETTE, Ottmar. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kadmos, 2005.

ETTE, Ottmar. *ÜberLebensWissen. Die Aufgabe der Philologie*. Berlin: Kadmos, 2004.

NÜNNING, Ansgar. (Org.) *Metzler Lexikon. Literatur- und Kulturtheorie*. Stuttgart/Weimar: Metzler Verlag.